



49

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2018

Do traço da letra ao risco do desenho: uma forma de arquivar

From letter outlines to sketches: an archiving method

MARIA HELENA DA CRUZ COELHO

Faculdade de Letras da Universidade Coimbra
Centro de História da Sociedade e da Cultura (CHSC-UC)

coelhomh@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8030-4578>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/11/2017

Texto aprovado em / Text approved on: 26/05/2018

Este estudo é dedicado a dois arquivistas e amigos:

Maria José Mexia

Abílio Queirós (+2016)

Resumo:

O artigo que apresentamos versa sobre a arquivagem da documentação medieval. Ontem, como hoje, as instituições e os homens que lhes davam corpo sempre se confrontaram com o imperativo de preservar a sua memória escrita, mas não menos com o dever de tratarem a documentação para dela poderem dispor como um testemunho probatório e aproveitá-la de acordo com os seus diversos objetivos e múltiplas funcionalidades. Refletiremos neste estudo sobre estas vertentes da arquivagem medieval, atentando num caso muito singular e particular de uma casa monástica, concretamente o mosteiro de Pedroso. Trabalhou nesta

instituição um cartorário que utilizou um singular método de arquivagem, recorrendo a cotas alfabéticas e ideogramáticas, que, embora conhecido em tempos medievais, não era, no entanto, muito vulgar. Procurámos, então, sistematizar esses sinais ou símbolos, interpretá-los e descodificá-los, com vista a melhor percebermos o seu valor para o arquivista que os escreveu e desenhou nos pergaminhos do fundo documental da casa monástica a que por certo pertencia.

Palavras-chave:

Arquivo medieval; método de arquivagem; mosteiro de Pedroso; sinais e símbolos.

Abstract:

This article is about archiving medieval documents. In ancient times, as it happens nowadays, institutions and men who fleshed them out faced the requirement of preserving their written memory, but not less of keeping and processing their documents to have them available as substantiating witnesses and use them to serve various purposes and multiple functionalities. The way we shall reflect on these aspects of medieval archiving is to focus on the very peculiar case of a monastic house, the monastery of Pedroso. It happened to work in this monastery a registrar who

followed a unique archiving method based on both alphabetic and ideogrammatic shelf marks. This method, although known in medieval times, was not, however, very usual. We then tried to range and classify, interpret and decode those signs or symbols, to better perceive their relevance for the archivist who wrote and sketched them on the archival fonds' parchments of the monastery he presumptively belonged to.

Keywords:

Medieval archives; archiving method; monastery of Pedroso; signs and symbols.

São os arquivos lugares de memória. Lugares em que se guarda o rico património da memória fixada por escrito, tantas vezes acompanhada da estética do ornamento e da imagem que a emoldura e representa. Neles, e pensando sobremaneira nos arquivos de significativo pendor histórico, se conservam os *documenta-monumenta*, os instrumentos que nos ensinam (*docere+mentum*), os meios que nos lembram (*monere+mentum*)¹ as lições do passado, resgatadas do esquecimento pela perenidade da escrita². Neles se preservam os códices, os manuscritos em que a arte de escrever se alia tantas vezes à arte de iluminar e ornamentar, dialética rica de significantes e significados entre a escrita e o escrito e a representação iconográfica e iconológica.

Nos arquivos se encontram os arquivistas com as peças documentais, espólio que têm de preservar, arrumar e acessibilizar. Nos arquivos se encontram os historiadores com os atos humanos, na sua forma e conteúdo, que os desafiam à recontextualização e interpretação. Para ambos, os arquivos são lugares de encontro do ontem, no interpelante reencontro com o hoje.

Não negaremos que ainda nos nossos dias os arquivos históricos serão olhados por alguns como depósitos de velharias, de poeirentos papéis ou pergaminhos, de “naturezas mortas”, que não convidam ou estimulam à re-interpretação do passado, antes o relegam para as brumas de tempos longínquos. Para nós os arquivos sempre foram um lugar de estudo. Talvez o preferido. Pelo desafio que os velhos pergaminhos nos lançam, pelas contínuas respostas que nos dão às infindas interrogações que o nosso engenho lhes saiba colocar, pelo fascínio de, literalmente, apreendermos pelo tato e pela mente, o que nos foi legado pelos nossos antepassados.

Mas não foram menos um lugar de encontro. Desde logo com os homens e mulheres de outrora, que nos deixaram a memória das suas vidas, mas também com os homens e as mulheres de hoje, em particular os que neles trabalham e se esforçam tanto por resguardar tal riqueza como por divulgá-la³. Ainda e sempre

¹ A palavra documento tem na raiz o verbo *docere* (“fazer aprender”, “ensinar”) e o sufixo *mentum*, talvez derivado de “pensar”, com o sentido genérico de “intenção”, “processo”, “meio”, “instrumento”, e daí o significado original de ensinamento, lição, objeto que ensina. Não longe destes significados está o vocábulo monumento, com raiz no verbo *monere* (“chamar a atenção”, “advertir”, “lembrar”), logo reportando-se a tudo o que lembra o passado, convergindo assim os dois vocábulos num mesmo sentido.

² Na explicitação dos conceitos de memória e documento/monumento, que aqui nos interessam, veja-se Jacques Le Goff, “Memória” e “Documento/Monumento”, in *Enciclopédia Einaudi*, vol. I, *Memória-História*, Lisboa, INCM, 1984, p. 11-50, 95-106.

³ Não será, pois, com frases, mas com interiorizadas memórias, que evocaremos todo um percurso de investigação da minha carreira académica que sempre se cumpriu na Torre do Tombo, tendo a nosso lado para nos dar a conhecer fundos, fornecer pistas, confrontar ideias, mas, muito mais importante ainda, dividir bons e maus momentos da vida, a Dra. Maria José

com este espírito de sentida partilha, desejei escrever este trabalho. Ainda e sempre com este espírito de estimulante diálogo, cheguei a este trabalho. Que quer justamente falar da íntima relação entre os seres humanos e os documentos. E já em tempos de antanho.

1. A partir do momento em que os homens evoluíram das civilizações da oralidade para as da escrita, aprendendo a “domesticar” o seu pensamento e a perpetuar pela escrita as memórias do poder e do sagrado, tanto em materiais duros, da pedra aos metais, como nos mais flexíveis, do papiro e pergaminho ao papel, quiseram também preservar esses atos⁴. Se os “arquivos de pedra” eram mais duradouros, ainda que também ameaçados pelas forças naturais e humanas, os atos escritos, em suportes mais frágeis, viam-se particularmente ameaçados pelos agentes exteriores, dos climatéricos aos animais, e mais ainda pela incúria ou intento destruidor dos homens.

Desses males da perda e destruição se procuraram defender as diversas instituições e centros de poder, do religioso – cúria pontifícia, chancelarias monásticas, catedralícias e eclesiais, entre outras – ao civil, fosse o de reis e imperadores ou o de cidades e municípios, de universidades, de senhores e senhorios. A evolução dos arquivos desde a Antiguidade até aos nossos dias é já bem conhecida⁵, sabendo-se mesmo que foi na Grécia que nasceu esta nomenclatura, onde cada magistratura tinha os seus próprios arquivos, instalados no *archeion*, ou sede da magistratura⁶. Logo, os arquivos nasceram numa estreita ligação com o poder e as instituições e a arquivagem assumiu-se como um ato funcional, suporte do poder e da afirmação das instituições e garante da perenidade da sua memória.

Mexia, a quem dedicamos com toda amizade este caminho num Arquivo e este olhar sobre os documentos. Em simultâneo encontrámos no Arquivo da Universidade de Coimbra o mesmo estímulo e amizade nos Doutores Ana Maria Bandeira, a quem muito agradeço o apoio neste estudo, e Abílio Queirós. A este último, falecido em 2016, dedicamos igualmente este trabalho que teve a sua estreita e entusiasmada participação.

⁴ Para outros desenvolvimentos remetemos para a obra de Jack Goody, *Domesticação do pensamento selvagem*, trad. portuguesa, Lisboa, Ed. Presença, 1988 e para o artigo de Roland Barthes, Eric Marty, “Oral/escrito”, in *Enciclopédia Einaudi*, vol. II, *Oral/escrito, Argumentação*, Lisboa, INCM, 1987, p. 32-57.

⁵ Os trabalhos sobre arquivos, que abordam a sua longa história, são muitíssimos. Entre outros, salientamos os estudos de Jean Favier, *Les archives*, Paris, PUF, 1959, p. 9-37; Robert-Henri Bautier, “Les archives”, in *L’Histoire et ses méthodes*, dir. Charles Samaran, Paris, Gallimard, 1961, p. 1121-1138; Jacques Stiennon, “Considérations générales sur la bibliothéconomie et l’archivistique médiévales”, *Scriptorium*, 50: 2 (1996), p. 229-238; Armando Malheiro da Silva, Fernanda Ribeiro, Júlio Ramos, Manuel Luís Real, *Arquivística. Teoria e prática de uma ciência da informação*, Porto, Afrontamento, 1998, p. 45-201.

⁶ Jean Favier, *ob. cit.*, p. 10.